TL 2598

O Búfalo na Etnologia de Timor

Por Francisco Xavier de Menezes

1 - Introdução

Duma forma geral, os animais, entre os quais o homem viveu desde os primórdios da sua história, deixaram sempre marcas indeléveis na sua vida anímica, social e económica.

Assim, os antigos Egípcios, que tiveram uma vivência intensa com diversos animais, estudavam os seus hábitos para os apanhar nas suas armadilhas e abatê-los para alimento e para se protegerem contra os seus ataques. Por outro lado, também os adoravam por crerem possuir poderes superiores aos seus.

Com o decorrer do tempo, o falcão voador se tornou uma das insignias da realeza, enquanto o crocodilo, o leão e o hipopótamo foram hibridizados no monstro infernal que devora almas pecadoras. O leão, a quem foi dada a cabeça humana dos reis transformou-se em esfinge, simbolizando a majestade real, enquanto o ibis, com o seu aspecto pensativo, se transformou em Thoth, o deus da sabedoria e da escrita (1). Por sua vez, o boi, que pelo seu porte e utilidade prestou relevantes serviços no vasto e fértil vale do Nilo, foi igualmente divinizado, dando lugar ao "Boi Apis" cujo papel animológico no Velho Egipto não é de se substimar.

Na India, para além da presença de vários animais na mitologia hindú, figurando como veículos de deuses, ganhou importância especial no quotidiano a vaca que, num subcontinente predominantemente agrícola, dominado pelos extensos vales do Indo e do Ganges, assegurava a tracção do arado védico e das carroças, além de dar o leite e os seus múltiplos derivados (entre os quais o leite fermentado, espécie de yogurt que é alimento preferido dos brâmanes, sarcedotes e ascetas), fornece o coiro, a bosta, etc. Assim, a vaca sacralizada, passou a merecer especial respeito e veneração sendo vedado aos hindús o uso da sua carne, motivo por que é vulgar verem-se nos meios rurais e urbanos várias espécimes a vaguear nas proximidades dos pagodes, nas praças e vias públicas, não lhes faltando os hindús com carinho e alimentos.

Porém, o búfalo (Bos Gaur) tem na cultura indú um papel humilde e subalterno, sendo veículo de Yama, um deus menor a quem Siva enviava como seu emissário para anunciar a morte e o extremínio dos visados. Só os párias e intocáveis é que comiam a sua carne e curtiam as peles, sendo também utilizado na lavoura pelas castas mais baixas.

---

1 - COTTREL, Leonard - The Penguim Book of Lost Worlds, 2 volumes. Edição Penguim

Em flagrante contraste com a India, entre a população animista do S.E. asiático, o búfalo adquire um dos papéis mais dominantes na sua religião, encontrando a sua expressão mais aparente nas festas de mérito e ritos funerários, nos mastros festivos, postes rituais, remates de coberturas de casas, portões de aldeias, construções sobre tumbas, etc. (2).

Na cultura malaio-indonésica, em especial, o búfalo tem um papel relevante, a ponto de figurar nas armas ou brasão da República da Indonésia, onde a cabeça daquele animal simboliza a soberania (3).

2 - O Búfalo na Cultura Timorense

Se é marcante o papel do búfalo na vida dalguns povos do sueste asiático, em especial na cultura malaio-indonésica, em parte alguma este animal é elevado para os píncaros da sacralidade e da nobreza e igualmente valorizado como factor sócio-politico e económico relevante, como em Timor.

2.1 - Factor Religioso e Anímico

Instrumento primordial do apaziguamento dos espíritos dos mortos e dos antepassados e da própria ira dum Deus vago e distante (Maromak), o búfalo é animal sacrifícial por excelência, sendo abatido nos ritos funerários (Hakoe-Mate e Taka-Rate) e propiciatórios dos grandes feitos como inauguração de aldeamentos (Knua), aberturas de pescarias, construção de estradas e caminhos e residências de nobres, etc., e em toda a gama de rituais, conhecida na gíria local como "estilos". O número dos animais imolados varia em função da importância dos mortos ou das familias celebrantes dos ritos. Outrora, eram vulgares abates de 40, 50 ou mais búfalos e outras rezes nas cerimónias rituais das familias importantes. Ás vezes, os cadáveres ficavam insepultos por as familias não conseguirem reunir animais e parentes em número suficiente para se celebrar festa condigna. "O Pe Sebastião M. Aparício da Silva foi em 1900, juntamente com o Governador Celestino, enterrar o cadáver do régulo de Raimeau que falecera em 1795, isto é, 105 anos antes" (4).

Já em 1670, Frei Agostinho de S. Pascal ficou tão impressionado com a relevância do búfalo na vida anímica do timorense, que chegou a pensar que aquele animal simbolizava e próprio Deus.

---

2 - Loffler, Lorenz G. - Beast, Bird and Fish. The sacrificial Pole as a Cosmologia Centre. In "Abstracts of Papers Related With Social Sciences and Anthropology. The 11th Pacific Science Congres. Tokgo 1966.Vol 9, pp 13

3 - Woodman, Dorothy - The Republic of Indonesia. London. The Cresset Press, 1965. A interpretação do brazão vem na contracapa.

4 - Fernandes, Pe Abílio José - Missões de Timor. 1561 - 1931 - Macau, 1931 pg 20.

Para aquele missionário, "O seu culto - ao considerá-lo, somos movidos à compaixão e ao sentimento - consta da cabeça de búfalo, espetada num pau com os chifres e miolos, depois de se lhe tirar a carne", acrescentando: "tem-na por seu deus, oferece-lhe tudo o que tem, poẽ-lhe o necessário para que coma, trazendo-o o demónio assim enganado como dizer que come. E são tantas cabeças de búfalos que há entre esta gente, que não há casa que não tenha a sua e há-as que têm duas e três" (5).

Além disso, o relevo que merece o búfalo no fabulário e nos mitos e lendas de Timor constitue também uma preciosa achega para a avaliação da importância daquele animal na vida anímico-cultural do Timorense.

Assim, aquele bovídeo aparece na génese das lagoas de Moapitine e de Gasi Liu em Laga, Nesta última a imersão e desaparecimento dum búfalo teria transformado a água doce em água salgada, dando aos habitantes locais uma apreciável fonte de riqueza em sal cristalizado que aparece nos paus espetados no fundo lodoso. (6) Também a origem das nascentes de águas sulfurosas de Marobo e Uai-Cana é atribuida pelas populações locais à imersão e desaparecimento de búfalos em tempos imemoriais.

De notar igualmente que o búfalo surge nas lendas timorenses como um animal indómito, poderoso e com elevada dose de astúcia,um autêntico "rei dos animais", tendo especial interesse a célebre lenda de "Carau Cohe Haat" (7) que, num autêntico comício contra os famosos caçadores Loe-Malic e Bou-Malic conseguiu a adesão e sublevação de todos os animais incluindo o laco, macaco, galo, veado, javali, etc. Numa arenga digna dos melhores comicieiros, o nosso herói se ufanava de ter pontas e chifres aguçados como bambús e quatro patas sólidas como pilares. Para melhor apreciar a sua gabarolice, vamos transcrever uma das quadras em tetum clássico que lhe é atribuida:

Ha'u dicur sala - As pontas enganam
Ain la sala - As patas não erram
Ain sama, sei sala - Mas, se as patas falham
Dicur la sala - Os chifres se enterram

S. Pascal, Frei Agostinho de - O que diz de Timor, em 1670, um Missionário Franciscano. In "Seara", Ano V, Maio e Junho de 1953, Nr III, Dili 1953,pp 138

lmeida, António - O sal na Etnologia de Timor Português Lisboa s/d, pp 160

ignifica Búfalo com 4 bornais, isto é, "sabidão".

Assim, matreiramente escondido atrás do fumo da queimada, quase ia matando com uma marrada o Loe Malic que, dificilmente, se escapou, tendo na próxima ocasião aquele caçador utilizado uma azagaia "lulic" (sagrada) para se desembaraçar do seu temível adversário (8).

2.2 - Factor Sócio-Político

Tendo a sociedade tradicional timorense uma estrutura piramidal do tipo feudal onde, a par de constantes lutas tribais e clanicas, houve sempre necessidade de se fazerem alianças entre as familias para fins de defesa, preservação e expansão dos respectivos patrimónios, o búfalo tem desempenhado um papelo predominante. É que tanto as grandes alianças políticas, como os mais modestos acordos matrimoniais difícilmente se consumariam sem a intervenção do búfalo que é o principal componente do "barlaque" ou contrato nupcial. Quanto maior for o prestígio e a posição da familia da noiva, maior é o número de búfalos que o noivo e a sua familia terão que oferecer aos pais ou tios da rapariga para ultimar as complexas negociações do barlaque. Nalguns casos, podiam envolver dezenas se não centenas de búfalos, cavalos e outros bens transaccionáveis como luas de ouro (belak mean), luas de prata (belak mutin), cordões de mutissala, escravos (antigamente), panos tradicionais (tais) espadas de guerra (surik), cabritos, porcos, patacas mexicanas, etc. Entre as "arras" ou bens de troca existem os que podemos designar por "bens masculinos", que são oferecidos pela familia do noivo, e "bens femininos", que são presenteados pelos familiares da noiva (9).

Sem entrar em pormenores num tema tão vasto como o de barlaque, direi que o búfalo figura como o componente número um entre os masculinos e pode ser considerado o elemento "pivot" em volta do qual giram e basculam as ofertas, estando portanto na base duma autêntica osmose política e social através da qual sempre se estabeleceu ou rompeu o equilíbrio na vida familiar, clânica

---

8 - Pascoal, Pe Ezequíel Enes - Caran Cohe Haat. Conto Timorense, In Seara, Set/Ont 1953, Ano V, nº V, pp 266-270

9 - Para se fazer uma ideia das ofertas e trocas entre as famílias dos noivos, recomendamos a seguinte obra versando o casamento entre os Bunak: - Berthe, Louis - Le Marriage Par Achat Et La Captation Des Gendres Dans Une Societé Semi-Féodale: Les Buna de Timor Central.
Separata S/d e S/l de L'Homme, Revue Française de Anthropologie.

e tribal em Timor (10). Tratando-se dum casamento dum filho dum régulo ou dum Chefe de Suku (conjunto de povoações), os próprios súbditos tinham de contribuir com búfalos, conforme as suas posses e rateio estabelecido, sendo grandes a pressão social e o prestígio em jogo.

Conta-se que, ao negociar o casamento dum filho do célebre régulo de Ainaro, D. Aleixo de Corte Real, este, ao ver que da parte da noiva pertencente à casa reinante de Ossú o número de búfalos exigido ultrapassava largamente uma centena, teria respondido que tal número não o assustava porque "se o Mate Bian é Grande, o Rame-Lau é maior" (11). Foi a forma mais simbólica e airosa de D. Aleixo enfrentar o desafio, à boa moda dos fidalgos europeus que não se poupavam a gastos sempre que estava o seu prestígio em jogo, limitando-se a usar expressões tais como "Noblesse Oblige".

É de anotar que, mediante uma oferta superior de búfalos e de outras arras, muitas vezes se davam casos de "hipergamia", conseguindo as famílias menos poderosas políticamente, ou com posicionamento mais modesto na hierarquia nobiliárquica timorense, arranjar noivas de famílias mais prestigiadas e poderosas (12).

Já anterioremente referimos como o búfalo é considerado na cultura malaio-indonésica como factor de prestígio, poder e de soberania. Além de figurar no brazão de armas da Indonésia, o búfalo aparece também nos emblemas e bandeiras do exército daquele país como símbolo representativo da arma de Infantaria.

---

10 - Em Ataúro, nos acordos matrimoniais o papel do búfalo é substituido por lanças. Veja-se sobre este tema: - Duarte, Jorge Barros. Mitos e Lendas Ataúros. 1ª Edição do Instituto de Lingua e Cultura Portuguesa. Lisboa 1984.

11 - Mate Bian é o pico mais alto da cordilheira na zona leste onde ficava o reino de Ossu, enquanto o Rame-Lau, na jurisdição do reino de Ainaro, é o ponto mais elevado de Timor.

12 - Sobre o barlaque, recomendamos entre outros os seguintes trabalhos dos missionários e pesquisadores de Timor:

Duarte, Pe Jorge Barros - Barlaque. In "Seara", Ano II (nova série) Maio-Agosto de 1964 nºs 3/4 pp 94-119

Pascoal, Pe Ezequiel Enes - Uma vitima do barlaque. Conto. In "Seara", Ano IV nº IV, Agosto-Setembro de 1952, pp 110-113 e Ano V nº V, Setembro-Outubro de 1952, pp 141-145

Ximenes, Pe Jacob Vicente Dias - Pégadas no Tempo (usos e costumes de Timor). Edição da Delegação Universitária de Letras de Lisboa 1964, pp 7-8

Também em Timor, simbolizando nobreza, poder e soberania, aparecem adornos de cabeça em forma de crescentes em ouro ou prata, utilizados por varões nobres durante as suas festas, danças e rituais e que representam os chifres ou defesas de búfalo, sendo designados nalguns dialectos locais por Caibauc, arbau, carau, carabau,etc. O mesmo acontece com o remate das coberturas das casas que culminam nalguns casos com pontas de búfalo ou uma peça em madeira lavrada com saliências nas extremidades.(13)

2.3 - Valor Económico

Sendo o búfalo um dos elementos mais importantes na vida anímico-religiosa e sócio-politica dos timorenses, o seu valor de troca e preço são relativamente elevados, sendo mais fácil, para fins de abastecimento público ou privado, adquirir um boi do que um búfalo. Já em janeiro de 1522, Pigaffeta, que foi cronista de expedição de Fernando Magalhães e que esteve na Nau Vitória que aportou em Timor para abastecimento, ficou surpreendido com o valor elevado que os naturais davam aos búfalos, como se vê do excerto da sua crónica que segue: "...Fui a terra só, para falar ao homem principal duma vila chamada Amaban (povoação costeira da ilha de Timor) a fim de que ele nos desse vitualhas. Respondeu-me que daria búfalos, porcos e cabras; não podemos, porém chegar a acordo porque queria muitas coisas por um búfalo" (14)

Existia em Timor, para fins de aquisição de búfalos pelas autoridades civis e militares, uma tabela estabelecida, mas era com grande desgosto e relutância que o Timorense vendia os seus animais pelo preço tabelado (15). É que elementos alienígenas raras vezes compreenderam que o búfalo tem para o nativo um valor sócio-económico e económico-religioso, não podendo ser controlado por uma simples tabela de preço, administrativamente imposta. Anote-se que o valor dos búfalos era atribuído pelo comprimento dos chifres, medido por "pardaus" sendo cada pardau equivalente a 20 cms. É que para fins de ritos, trocas ceremoniais, casamentos, etc. os animais têm tanto mais valor quanto maior

---

13 - Note-se a frequência com que chifres de animais como bisontes, touros, etc. apareceram outrora nos ornamentos de chefes tribais entre os índios americanos, os Vikings, chefes e guerreiros germânicos, mongois e chineses, figurando também as cabeças de alguns desses animais (nomeadamente de touros) até nas armas e brasões antigos na península Ibérica.Também leões, águias, falcões, tigres e elefantes figuram na heráldica de vários paises.

14 - Lagoa, Visconde de - Fernão de Magalhães (A sua vida e a sua viagem)II Vol, Lisboa 1938. pp 191-192 o sublinhado é nosso.

15 - Themudo Barata, Felipe José Freire - Timor esse desconhecido. Separata de "Estudos Políticos e Sociais, Vol I,nº 3, Lisboa 1963 pp 19

for o cumprimento dos seus chifres. E isto, independentemente do seu peso, corpulência ou aspecto geral. Assim, um búfalo com 6 pardaus, magro e esquelético, pesando apenas 300 quilos valia tanto como 3 de 2 pardaus cada, pesando cada um por sua vez mais de 400 quilos! É que os que tem mais pardaus são, em regra, mais velhos e magros, enquanto os de chifres curtos são jovens e corpulentos. E são as cabeças dos animais com chifres longos é que são exibidas com maior destaque nos postes rituais e acarretam maior prestigio tanto para os vivos que oferecem os sacrifícios como para os mortos que deles beneficiam para a sua libertação e glorificação.

Outra particularidade a notar é que nos ritos e trocas ceremoniais se dá preferência absoluta aos machos o que, aliado ao facto de as autoridades civis e militares terem previlegiado igualmente à aquisição de machos para abastecimento de carne, justifica que as populações declarem predominantemente as fêmeas nos seus recenseamentos e registos orbigatórios de gado, quando não escondam totalmente a existência de búfalos. Daí, a falibilidade das estatísticas oficiais sobre o gado bufalino em Timor.

Ainda sob o aspecto económico, o búfalo tem um papel predominante na agricultura timorense. Assim, Paulo Braga, falando dos arrosais em Timor fez as seguintes anotações: "Não há enxadas, nem arados e muito menos tractores. Os búfalos são tractores de carne e arados de carne. Pastam, atolam-se na lama e deixam os humus pronto a receber a semente. Esta cai sobre a terra. Algum tempo depois, o arroz nasce e cresce" (16).

3 - Conclusão

Do exposto, infere-se fácilmente a importância do búfalo na cultura timorense. Daí, a razão por que as populações locais foram resistindo ao longo dos anos às tentativas feitas por autoridades civis e militares e pelos colonos no sentido de submeter o búfalo à canga, nomeadamente para a tracção de arados e charruas.

Tais trabalhos seriam demasiadamente humilhantes para um animal considerado nobre e que, como já referimos, simboliza o poder e soberania. Simões Martinho chegou mesmo a lamentar que "tantos esforços das autoridades administrativas"

---

16 - Braga, Paulo - Dili - Bàzar - Tete (Sintese da vida timorense). In Cadernos Coloniais, nº 14, Editorial Cosmos, s/data, pp 11.

Ainda sobre o papel dos búfalos na cultura timorense em geral e na lavoura em especial, veja-se:

Valdevez, José - Timor e a sua Pecuária. In "Boletim da Agência Geral das Colónias, nº 54, Ano V, 1929 pp 66.

Laisn e Silva - O Savah, o Vulcão, o Homem, In "Estudos Ultramarinos" Revista do I.S.E.U. Vol V - 1955, pp 281-289

e "dispêndio feito em aquisição de charruas..." tivessem sido infrutíferos (17).

O respeito pelo búfalo é tal que quando se concluem os trabalhos nas várzeas, pisada e repisada a camada humífera pelas patas daquele animal e lançada a semente à terra, costuma-se nas planícies de Timor como Loes, Seiçal, Luca, etc. realizar um rito conhecido em tetum como "face Karau ain" (lavagem dos pés dos búfalos) durante o qual, entre outras coisas, quase se pedem desculpas aqueles animais por terem sido utilizados em trabalhos indignos da sua nobreza, ao memso tempo que se lhes agradece a sua preciosa colaboração (18).

Só em tempos relativamente recentes é que, sob a influência de missionários e de autoridades administrativas, surgiram no artesanato timorense objectos dos mais variados feitios em pontas de búfalos artísticamente trabalhados. Não é raro, nos bazares, feiras e exposições, verem-se belos cachimbos, corta papéis, pentes, imitações de barcos, estatuetas de caçadores e guerreiros, maquetes de aldeias nativas, estas ricas em pormenores, com casas, coqueiros, mulheres a pilar milho, crianças a brincar, porcos e outras figuras da vida ergológica timorense.

---

17 - Martinho, José Simões - Timor. Quatro Séculos de Colonização Portuguesa. Editorial Progredior, Porto 1943, pp 140-141.

18 - Menezes, Francisco Xavier de - A Organização de Trabalho no Timor Oriental - In Actas do V Colóquio Europeu de Estudos sobre a Insulíndia (1985). Edição da Universidade de Évora (no prelo)

Francisco Xavier de Menezes